

ARTE COMO CENTRALIDADE NA EDUCAÇÃO

Elisio José Da Silva Filho (elisiofh@gmail.com)

O século do ingresso da humanidade no mundo das tecnologias digitais veio acompanhado de um desafio que a humanidade contemporânea jamais imaginaria enfrentar. Digo 'imaginaria', porque a ficção sempre antecipou grandes catástrofes para contar histórias a exemplo do longa Contágio, filme de 2011 do diretor Steven Soderbergh, que se confunde com a pandemia da covid19 chegando, quase, em semelhança a um documentário, muito mais do que uma ficção. Seja no filme ou na realidade vivida por nós desde março de 2020, nos vemos aos 21 anos do século XXI imersos num momento em que a escola foi paralisada e os currículos como conhecemos não deram conta da contingência. Nosso ingresso na era digital foi desafiadora e a maior parte das escolas se viram completamente despreparadas para o enfrentamento. Por isso o convite dessas linhas breves é iniciarmos o pensar de um currículo que nos coloque em movimento para enfrentarmos a crise que escolas, currículos e comunidades ainda viverão por um bom tempo mesmo depois de um controle maior das condições sanitárias, afinal, pelo que afirmam os especialistas, as pesquisas indicam que conviveremos com o Sars-Cov-2. Num tempo em que a vida, como conhecíamos parou, ouvimos pessoas relatarem que a Arte, mesmo tendo sofrido mais pressão que outros setores, ainda assim, as salvou. Que poder tem a Arte e que poder teria um currículo como obra de Arte? Iniciamos um pensamento sobre as coisas que podem ser convertidas em obra de Arte e que sensações esta conversão produz. Longe de tecer um paralelo entre Arte e

escola, partimos de uma proposição metodológica inicial numa coleta de informações, buscando localizar indícios dessas sensações entre os escritos de quem vem realizando esses debates, em dois importantes encontros da Educação e da Arte Educação no Brasil, respectivamente, o GT12 Currículo das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e do Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil. A fenomenologia em Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, contribui tanto metodologicamente como no tratamento das informações para elaborarmos a proposição possível de um currículo cuja a Arte esteja na centralidade das discussões. As primeiras informações dão conta de uma maior movimentação dos currículos em torno da Arte a partir dos anos de 1990, mas delimitando como área de conhecimento presente numa proposta curricular e mesmo assim pouco discutida na perspectiva da centralidade, esta, dominada pela matemática e a língua portuguesa. Cerca de dez anos mais tarde a Arte é retomada nas discussões, mas aparece como uma composição voltada ao auxílio em temas transversais e em alguns casos é destituída da condição de área de conhecimento e compreendida como transversalidade. Este mesmo risco é redesenhado na forma apresentada pela BNCC no Ensino Fundamental e perde espaço no “Novo” Ensino Médio, sobretudo na Educação Profissional. Temos um histórico bem-sucedido na Educação que se apoia nas ações artísticas, contudo, o que buscamos é que a Arte não seja um elemento acessório e sim o centro do currículo de onde erradia a Educação.